

# ESPOROTRICOSE FELINA NA REGIÃO AMAZÔNICA, UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2<sup>a</sup> edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020  
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

SILVA; Barbara Wilka Leal <sup>1</sup>, MONTEIRO; Thamillys Rayssa Marques<sup>2</sup>, SANTOS; Camila de Cassia dos<sup>3</sup>, VALENTE; Keila Feitosa <sup>4</sup>, DIÓGENES; Expedito Maia <sup>5</sup>

## RESUMO

Introdução: A esporotricose é a micose subcutânea mais frequente em países de clima quente e úmido, tem sua transmissão classicamente descrita por inoculação traumática com plantas ou solo contaminados com fungos do complexo *Sporothrix schenckii*. A doença tem evolução subaguda a crônica e acomete seres humanos e animais, como cães, gatos, roedores, tatus, cavalos, bovinos, macacos e aves. Entretanto, atualmente, é notável a transmissão antropozoonótica por mordedura, arranhadura ou contato direto com gatos infectados. Com predominância das formas cutâneas localizadas e de evolução benigna. Raramente, ocorre disseminação e acometimento extracutâneo, por vezes fatais, em geral, em pacientes com condições imunossupressoras como aids e etilismo. Considerando que a notificação obrigatória ocorre apenas no estado do Rio de Janeiro, a região amazônica possui a provável situação de casos subnotificados e desconhecimento do real panorama sanitário de esporotricose. Diante disso, tornam-se essenciais estudos em relação a ocorrência da doença em humanos e animais na região. Objetivo: Por isso, o objetivo deste estudo foi realizar um levantamento de dados voltados para a busca de indícios da doença na região amazônica. Metodologia: Para tanto, foram pesquisados os termos esporotricose, região amazônica, micose, zoonose nas plataformas Google Acadêmico, PubMed – NCBI, sem restrição de datas. No geral, foram encontradas oito publicações científicas. Resultados e Discussão: Os primeiros relatos científicos de micoses profundas na parte ocidental da Amazônia brasileira foram descritos por Cruz em 1914, quando descreveu um caso de micetoma e três casos de esporotricose. Posteriormente, os primeiros casos de paracoccidioidomicose e novos casos de esporotricose e micetoma foram estudados por Matta. Segundo Matta, a esporotricose era a "micose peculiar do interior da Amazônia", sendo a micose mais frequentemente diagnosticada no estado do Amazonas até 1941. Em estudos posteriores realizados em, 1973-1978 e 1976 - 1983, foi identificada como a quarta doença mais frequente em humanos nos períodos estudados. Na região amazônica, até o presente momento, existem poucos relatos de isolamento e levantamento epidemiológico deste fungo em humanos e animais. Considerando o clima da região amazônica associado a grande população de felinos domésticos onde muitos possuem livre acesso ao ambiente externo ou se encontram em situação de abandono, aumentam-se as possibilidades de exposição destes animais e consequentemente a capacidade de disseminação e manutenção deste agente na região. Esses estudos implicaram também a possibilidade de subnotificação dos casos devido a semelhança clínica e epidemiológica com a leishmaniose, atrelado a não obrigatoriedade de notificação de casos suspeitos e confirmados. Houveram picos das taxas de infecção registradas nos estados de Tocantins (1,61, em 2002, mantendo-se acima de 0,77 até 2004), Acre (1,41, em 2008), Amazonas (5,09, em 2009), Amapá (1,42 em 2011) e um caso com decorrência em óbito no estado do Pará. A maior taxa de hospitalização em humanos no período foi registrada no Amazonas, em 2009, onde a esporotricose já foi a micose subcutânea predominante. Pesquisas ressaltam que, apesar de não existirem muitos estudos descritos em todos estados do país, são registrados casos em solo amazônico, deixando evidente a presença dessa micose nesta região. Associado aos fatos expostos acima, nas últimas décadas, o país tem

<sup>1</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, leal.barbara193@gmail.com

<sup>2</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, thamillysmonteiro@gmail.com

<sup>3</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, camilamedvs@gmail.com

<sup>4</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, keilavalente.vet@gmail.com

<sup>5</sup> Mestrando de Microbiologia Médica da Universidade Federal do Ceará, expeditomaia@hotmail.com

observado um aumento exponencial no número de casos de esporotricose humana e animal, principalmente relacionados a falha na intervenção das medidas de saúde para a prevenção e/ou a erradicação da doença, que acontecem de forma lenta, assumindo distintas características de acordo com a localidade acometida. Conclusão: Conclui-se que a esporotricose está presente nos estados da região norte e é provável que o aparecimento de novos casos seja subnotificado, os dados sobre a doença são de difícil obtenção, pois ela não é de notificação obrigatória na maioria dos estados brasileiros. Contudo, é unânime a importância do papel dos profissionais de saúde para que as medidas sanitárias sejam eficientes, principalmente na educação em saúde junto à população. Ainda assim, o atendimento e o diagnóstico dos pacientes são precários, e não existem medidas de controle das principais formas de transmissão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fungo, Micose subcutânea, Zoonose.

<sup>1</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, leal.barbara193@gmail.com  
<sup>2</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, thamillysmonteiro@gmail.com  
<sup>3</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, camilamedvs@gmail.com  
<sup>4</sup> Residente de Medicina Veterinária Preventiva da Universidade Federal Rural da Amazônia, keilavalente.vet@gmail.com  
<sup>5</sup> Mestrando de Microbiologia Médica da Universidade Federal do Ceará, expeditomaia@hotmail.com